



PASSOS LABIRÍNTICOS DO CORPO

por Cleide Riva Campelo¹

Resumo/Abstract: Esta é uma proposta para um passeio espiralado pelo corpo, numa dança semiótica, na busca de um iluminar do que jaz esquecido e de um escurecer do que se fez, historicamente, óbvio. A partir do pegar e do pisar, o serpenteio passa pelo olhar que sonha ver o invisível, pelo cheiro e paladar reinaugurados como um saber sapiens, pela audição como toque do que esteve hibernando no inaudível. Luz e som: Semiótica da Cultura. Participação Especial: Dietmar Kamper (in memoriam). Coreografia: Cleide Riva Campelo.

¹ Cleide Riva Campelo é doutora em comunicação e semiótica pucsp; professora pucsp no curso comunicação das artes do corpo; autora: Ca(e)idoscorpos Um Estudo Semiótico do Corpo e Seus Códigos, SP, Annablume, 1997.





1. O Corpo e o Labirinto

Jorge Luis Borges lembrou-se do verso de Ovídio sobre o Minotauro:

homem metade touro e touro metade homem e aproveitou para nos lembrar do engano de Dante ao ter (por conhecer as palavras mais do que as imagens) imaginado o Minotauro tendo cabeça de homem e corpo de touro². É com esse engano de Dante, que queremos começar nossa dança pelo corpo.

Quando nascemos, chegamos guiados pelo fio/cordão umbilical de mãe Ariadne: o saber feminino que nos unge na passagem. Dizem que também morremos pelas mãos de uma mulher, linda e jorrando luz, que refaz o caminho do cordão umbilical cortado nos nossos primórdios. E voltamos a ser pó: parte do corpo da feminina Terra.

Nossos ancestrais, desde egípcios e gregos, africanos e indígenas, guardavam em seus umbrais mitos de proteção para nos dar coragem nas travessias. Assim, cada um pode sempre escolher um escudo para enfrentar a densa bifurcação labiríntica no desbravar do inconsciente: ter a proteção da força da besta indomável, da coragem do herói, da arte criativa do arquiteto, da paixão e luminosidade da heroína. Mas, desde a antigüidade até os dias de hoje, o inconsciente nos desafia com sua estrutura de corredores que se abrem em novos corredores, que descem por grutas desconhecidas e sombrias, e sobem por morros de difícil acesso, que continuam a se bifurcar em novas possibilidades. Ninguém anda ileso por esses caminhos.

² Jorge Luis Borges, 1996:91.





Conhecer o inconsciente é estender fios, garantias e luzes que iluminam e sombreiam o caminhar pelo desconhecido. Esses fios são a reflexão, o conhecimento, o saber, sempre acompanhados da coragem, da eterna vigilância, da eterna tensão de não se saber nunca o que se encontrará a cada virar de esquina, seja para quem se traveste de fera, seja para quem brinque de herói. Andar pelo perigo do labirinto é ligar os fios cruzando o tempo e o espaço, trançando a memória e os sonhos, a vida pessoal biológica e a cultura, o arquetípico sonhado e as energias vegetativas vitais. O impulso de Zeus para conquistar Europa, de cuja relação nascerá Minos, que por sua vez terá a própria mulher apaixonada por um touro, o que gerará o Minotauro, irmão de Ariadne, são ações espelhadas da atualização da presença do criativo do vegetativo biológico, pulsação primordial da vida.

Entre o nascimento e a morte atravessamos um labirinto que é o tempo e o espaço da construção do próprio corpo. São muitos os traçados, são muitas as possibilidades; cada coreografia individual fazendo parte do mosaico labiríntico geral, que vai se construindo e se desconstruindo a cada passo. O curioso é que, inúmeras vezes, somos obrigados a retornar pelo mesmo caminho mas, quase nunca reconhecemos a paisagem, já que os olhos, a cada piscar, recriam um mundo novo e não mais o reconhecem na piscada seguinte.

O corpo do homem, um mamífero primata, foi moldado no movimento. Quando torna-se, de repente, um bicho parado, como está acontecendo na história contemporânea, o homem passa a esquecer-se de um tempo em que o movimento era a própria estrutura em que a vida tomou esse rumo, o rumo de seu corpo. O homem passa a desidentificar-se, então, de seu modelo corpóreo: estranha-se, enrijece as costas, paralisa o peito e, necessita sedar-se, num domesticamento contínuo. Nas vísceras desse homem paralisado mora o Minotauro: espectro do passado, sombra que nos serve de proteção e de medo.





Aprisionada, a fera alimenta-se de carne humana: corpos são ciclicamente sacrificados para manter o corpo trancado, contido.

Enquanto isso, à medida em que o corpo vai se tornando inutilidade na cultura vigente, mero alimento para manter a fera satisfeita, reatualiza-se seu caráter de algo indispensável.

Assim, todo novo saber terá que passar, inevitavelmente, pelo reconhecimento do corpo. Olhar para longe é, necessariamente, descobrir o caminho dos olhos até o umbigo, até suas entranhas, até suas costas. Olhar o próprio nariz, atrás das orelhas, olhar as axilas, as nádegas, atrás dos joelhos, as costelas. Contar as costelas, com muito cuidado, para se ter certeza de que não se foi roubado.

Há uma ameaça de que o corpo esteja se transformando em lenda: para alguns esta é uma "decisão histórica já tomada e de possíveis conseqüências terríveis para a história do homem"³. Enquanto subsiste, na antecâmara do risco de se tornar uma dor nostálgica, é imperioso para o corpo, querendo escapar da ameaça de ocultamento, percorrer novos/velhos caminhos labirínticos e ir buscando reconstituir as páginas da sua história, já que a morte diverte-se, virando as páginas de tudo o que ainda pulsa e a cultura brinca de lembrar/esquecer os respingos desse jogo.

Cumpre, de quando em quando, num ato de resistência, voltar a desenterrar das areias longínquas, o canto esquecido de dentro dos búzios que contam a história da vida: gênese do corpo.

³ Dietmar Kamper., em palestra em SP, " O Cenário Como Sentido dos Sentidos", 29/5/1992, apontando para a posição acadêmica corrente da supremacia da teoria sobre os sentidos.





Assim, ao invocarmos o labirinto como uma imagem primordial para a nossa dança pelo corpo, vale lembrar, de tempos em tempos, como um mantra, que Zeus sobreviveu num gruta inacessível, de desenho labiríntico, e era para lá que seu filho, Minos, voltava a cada nove anos, para uma reiniciação, num ajuste de contas com o pai. É preciso, ainda, ter ouvidos afinados para se captar a canção de Europa, mãe de Minos, que amou Zeus metamorfoseado na forma de um touro.

O touro aparece e reaparece numa insistente lembrança, que fica como pano de fundo em nossa memória, criando um lusco-fusco de touros, deuses, monstros, homens e mulheres travestidos em feras, labirintos, heróis, asas de sonho que se esquecem da fragilidade, do brilho ilusório que convida ao ascender vertiginoso, mas acaba levando para um mergulho mortal nas profundezas do desconhecido.

Se desenterrarmos outro búzio, num praia mais adiante, ouviremos as canções dos Orixás africanos, dentro do cenário do candomblé, e saberemos, então, de uma mulher lindíssima, que deixa a pele de búfalo para ser descoberta pela paixão; e retorna à forma de fera para retomar seu destino de mulher-búfalo-vento⁴. Ouvir as histórias dos orixás é aprender a caminhar no labirinto: histórias que se cruzam de muitas maneiras, sempre enviesadas, cruzadas, retomadas mais adiante; histórias de um morto numa trilha, que segue vivo em outra; fragmentos de vozes, contando contos que se recontam por múltiplas vozes. Fractais de antanho, que já estão resfriadas o suficiente para serem contadas⁵.

⁴ Mito de Iansã, relatado por Pierre Verger.

⁵ Dietmar Kamper, texto na Internet: "Mein Schreibtisch, das Schneefeld"





Um terceiro búzio vai nos encher a vista de encantos: uma projeção alucinada de desenhos labirínticos: arte plumária e grafismo indígena. Aqui o sangue ainda está quente demais para virar uma escrita. É preciso voltar a enterrar o terceiro búzio e esperar que o tempo passe. Enquanto isso, pode-se ir degustando um eco que nos chega por via indireta, do outro lado do oceano: "Sou um jaguar. Está gostoso."⁶

Antes de devorarmos o corpo no ritual antropofágico que o transformará em puro espírito, réquiem do corpo, é preciso que mais 500 anos lacrem o búzio/ovo, no seu tempo de choco. Ainda haverá um tempo em que entenderemos nossa matriz indígena: arquétipo do futuro. Corpo, ovo do corpo. Ovo, corpo do ovo.

2. Vestindo o Corpo: Disfarces e Máscaras

Enquanto isso, no corredores bifurcados de nossa biocultura, a cada pedaço do corpo que sedamos, nasce um disfarce. O homem contemporâneo fica surpreso com suas dores, pânico e insônias: mas, como poderia o corpo sobreviver a tanta devastação? O homem dito educado é medido por sua imobilidade e isoterminia: quanto mais imóvel, menos gestos, menos passos, mais polido; quanto mais intocável, mais objeto do desejo.

Não se toca no presidente, no papa, na rainha, no delegado, no reitor, no médico, no juiz. Também, pasmem, não se tocam nos bebês, nos doentes, nos alunos, nas mães, nos pacientes, nos empregados, nos amados, nos velhos, nos desconhecidos, nos amigos, nos mortos.

⁶ Cleide Riva Campelo, 1997:102





Cada um isolado do outro e preso na hierarquia paralisante do poder: família, escola, trabalho. Corpo engessado, impermeabilizado, à salvo de outros corpos. Corpo vestido, sentado, insensível, paralisado em fobias, em pesadelos, em jaulas.

Entretanto, desde a origem, viver foi um girar ininterrupto: movido por um vento arquetípico, a sombra de Teseu, todo pintado com tinta de jenipapo e urucum, correu percorrendo os corredores bifurcados à procura da fera, para o confronto. No final, no derradeiro embate, guardou-se o espanto, quando se descobriu que o monstro era o espelho: vísceras murmurantes.

Para fugir do espelho, ensaiamos roupas e gestos que construímos como armaduras. Esconder, camuflar, depilar, apertar, disfarçar, cortar: cenas de uma tragicomédia cotidiana. A roupa e o gesto estão cada vez mais identificados com o poder, usados em lugar do desejo de se conquistar, de se obter mais visibilidade.

Na busca de se sobreviver num lugar ao sol, foi-se construindo uma mortalha, para se estar visível o tempo todo, em todos os lugares, de todas as maneiras. É a voracidade do desejo feito corpo que escraviza a própria vida. A pena final é acorrentar a todos no barco dos sem-tempo: stultifera nave que nos leva à deriva, correnteza abaixo. Cadáveres civilizados.

3. Desnudando o Corpo: Camadas de Semiose

O antídoto para a perda do corpo é a recuperação do espaço labiríntico que está no corpo. Não somos feitos de múltiplas vozes que reclamam, cada uma a seu tempo, suas memórias. Somos feitos de retalhos de labirínticas vozes misturadas, de fragmentos





indelevelmente mestiços, e recuperar esses cantos, sons do nosso corpo, é tarefa para uma vida inteira. Estender os fios e percorrer os caminhos: ser fera, ser herói e heroína, ser o arquiteto, ser o labirinto. Assumir o risco que, a cada passo, nos espreita.

Esculpir um conhecimento do corpo é desnudá-lo, como o escultor diz face à pedra: retirar os excessos, encontrar o que já estava lá, desde sempre.

Fundamentalmente, ao se propor uma semiótica do corpo, o que se busca é a redescoberta dos sentidos. Uma visão que veja mais do que a luz permite, uma visão também na ausência da luz; um paladar que redescubra o gosto do fruto proibido e já esquecido, porque anestesiado pela rotina; uma audição pronta a ouvir o que é estranho, com tolerância para o ruído, para o que não se domesticou com um rótulo; um olfato que saiba perseguir rastros na terra úmida, que saiba descobrir parceiros pelo cheiro quente que a paixão exala, que saiba cheirar as crias antes de tocá-las; um tato esperto pronto para o arrepio, para o susto vindo da aventura, do risco, dos perigos que o novo sempre engendra; uma propriocepção ajustada como um telescópio possante para perceber as oscilações da primavera, a aridez do inverno, enfim, um auxiliar poderoso para ajudar o corpo a mapear-se e a mapear o que está em sua volta.

Uma Semiótica do Corpo pressupõe uma pedagogia dos sentidos. E uma estética.

4. Os Sonhos do Corpo na Construção de Uma Estética Labiríntica: Passos





No privilegiado campo de estudos de tudo o que a ordem vigente rotula de desimportâncias,⁷ que é onde fundamentamos a nossa escola de pensamento da Semiótica da Cultura, queremos cultivar com especial cuidado as áreas mestiças e de alto risco que são as fronteiras. Entre a vigília e o sono, queremos pensar os sonhos⁸ como uma tentativa de se resgatar as vozes labirínticas do corpo. Prestar atenção a esses conteúdos, não como fragmentos perdidos ou detritos, mas como pistas férteis de profunda reflexão, como conhecimento.

Os sonhos como reflexão⁹, acoplados a uma pedagogia dos sentidos que forneça ao corpo um repertório ampliado das sensações constituirão o caminho de construção de uma estética labiríntica: passos que, andando para frente e para trás, buscando a luz e beneficiando-se das sombras, vivendo os lados todos de cada paisagem (acima, abaixo, avesso, direito, direita, esquerda, diagonal, frente, verso, passado, presente) acabarão restituindo ao corpo o carimbo que precede a todos os outros que poderão lhe ser adicionados: um ser vivo da biocultura, ciente de que o touro e o homem apenas se revezam em seus respectivos números, em cada poro do corpo todo -

cabeça de touro, corpo de homem

corpo de touro, cabeça de homem

⁷ Norval Baitello Jr, anotações de aula, PUCSP, 18/3/1993: " Tudo o que está na esfera do inútil é do universo da cultura. O inútil é indispensável."

⁸ Norval Baitello Jr., anotações de aula, PUCSP, 10/5/1991: " O sonho é, dentro do sono, um renascer."

⁹ Dietmar Kamper: palestra Os Sonhos, A Vida, PUCSP, 11/9/1997.





Na verdade, essa "cabeça", metáfora do pedaço onde se circunscreve o sapiens, está distribuída no corpo inteiro, estando suas extensões mais privilegiadas nas concentrações terminais dos membros. Assim:

pés de touro

mãos de homem

Essa é a dança do corpo vivo percorrendo o labirinto. Dança da força inconsciente, criativa e vigorosa de tudo o que pulsa vindo do vegetativo do corpo, nosso touro, aliada ao rigor e à coragem da reflexão saborosa, saber que busca o entendimento desses flashes, desses sonhos que se dirigem a nós das profundezas desconhecidas. Dança da mulher-búfalo-ventania, a espiral que liga a vida e a morte. Dança orgástica de um corpo, que sonha ser corpo. Celebração da vida, labirinto.





Baitello Jr., Norval, (1997) *O Animal Que Parou Os Relógios* SP: Annablume

Borges, Jorge Luís, (1996) *O Livro Dos Seres Imaginários* SP: Globo

Brandão, Junito, (1991) *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega* Petrópolis, RJ: Vozes

Campelo, Cleide Riva, (1997) *Cal(e)idoscorpos: Um Estudo Semiótico do Corpo e Seus Códigos* SP: Annablume

Campelo, Cleide Riva, (2001) *Os Sonhos do Corpo: A Comunicação Biocultural do Corpo* SP: Biblioteca N.G.Kfourri-PUCSP -tese de doutorado

Dorta, Sonia Ferraro, (2000) *A Plumária Indígena Brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP* SP: Ed. da USP: MAE/Imprensa Oficial do Est. de SP

Gleason, Judith, (1999) *Oya: Em Louvor a Uma Deusa Africana* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

Verger, Pierre Fatumbi, (1997) *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo* Salvador: Corrupio

Vidal, Lux, (2000) *Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética* SP: Edit. da USP

